



CONTRA AS DEPORTAÇÕES

O movimento de protesto teve apenas o seu início

A greve geral de 48 horas, que os jornais reaccionários quiseram apresentar como fracassada, foi um eloquentíssimo começo da campanha proletária a favor dos operários honestos deportados arbitrariamente.

Milhares de operários tomaram parte na greve geral. E mais colaborariam nesse movimento, absolutamente digno, absolutamente honrado, se a notícia da greve, que as autoridades abafaram, tivesse sido divulgada convenientemente.

O proletariado da província irá manifestando a sua repulsa pelos actos governamentais, cada terra de per si, até que os deportados regressem, como é devido, à metrópole de onde foram arbitrariamente expulsos.

Proletários: a vida e a saúde dos deportados reclamam a vossa solidariedade!

Lutemos pela Liberdade e pela Justiça!

A greve de protesto

Apesar da sua falta de preparação, por se tratar dum movimento resolvido em muito pouco tempo e como reacção imediata à afronta recebida, a greve de protesto pelas deportações revestiu uma grande importância. Uma grande parte do operariado de Lisboa nela se lançou, sobretudo os elementos mais conscientes. Com quanto os jornais reaccionários fenhiam pretendido diminuir o valor do movimento, dando-o como nulo e dêle não tendo participado a maioria dos operários, a verdade é que os mesmos jornais sentiram a influência da greve mesmo lá por casa.

A greve era uma greve de protesto contra as deportações de indivíduos sem julgamento. Pretende-se por aí que se tratava dum movimento de solidariedade com a Legião Vermelha. Isso não tem outro fim que não seja o de desvirtuar as intenções do operariado e comprometê-lo, chamando contra ele o odioso labeu de apoiar e defender a prática do crime e do banditismo.

Repelemos a insinuação. Todos os que nos têm sabido muito bem que o operariado de modo nenhum perdeu os processos adoptados pela Legião Vermelha. Não pode deixar de reprender os actos praticados por esta, como reprende os crimes praticados por outras legiões, como a dos banqueiros, a dos comerciantes, a do patronato industrial.

O nosso protesto foi, pois, não a favor de tal ou tal legionário, ou suposto legionário, mas contra o princípio, fora de todos os preceitos jurídicos, de se deportar seja quem for, por arbitrio do poder executivo.

Repugna-nos à nossa consciência de homens livres que nesta altura da civilização se adoptem tais processos de governar. Ainda que sejamos contra todos os governos, contra a pressão de toda a autoridade, não podemos deixar de sentir uma indignação mais profunda quando o governo, a autoridade reveste esta forma excepcionalmente opressiva. O que se fez com as de-

portações só seria possível em plena ditadura, num regime de violência e de arbitrio.

Tanto isto assim é que o movimento de opinião reprobando a atitude do actual governo não se responde ao operariado. No seio de partidos políticos e, com bastante intensidade, no próprio partido democrático de onde o actual ministério saiu, a parte mais sã desse partido, os seus elementos populares, estão perfeitamente identificados no protesto que nós levantámos. São disso uma prova as moções das comissões políticas desse partido no Porto e outros organismos partidários.

A greve é apenas o inicio dum movimento contra a violência exercida pelo governo deportando presos sem julgamento. O operariado vai fazer sentir por outros meios ainda o seu desagrado contra tais factos, fazendo a sua reclamação. É natural mesmo que o próprio parlamento tome contas ao governo do abuso que ele praticou das atribuições que lhe deu com o fim restrito de jugular o último movimento revolucionário. O governo foi além das autorizações que lhe foram dadas porque foi até ao ponto de destruir a divisão e independência dos poderes do Estado, tomando a função do poder judicial, sobrepondo-se a este poder e aplicando penas que nenhum juiz exarou em qualquer sentença. O parlamento, mesmo dentro do seu estreito critério político, não pode deixar que em seu nome se tenha praticado uma tal subversão na ordem do Estado.

O nosso protesto foi, pois, não a favor de tal ou tal legionário, ou suposto legionário, mas contra o princípio, fora de todos os preceitos jurídicos, de se deportar seja quem for, por arbitrio do poder executivo.

Estamos convencidos de que esta afronta à liberdade e ao espírito jurídico, mesmo das pessoas que não comungam connosco nos nossos ideais virá a ser reparada e a situação anterior restabelecida, não sendo, como se sabe esse o nosso último objectivo, pois ficaremos no nosso posto continuando a lutar por uma progressiva e constante transformação da vida social.

Estamos procurando alastrá-la a Nankin. O consul inglês pediu que sejam para ali enviados 2.000 homens.

Auxiliarão os comunistas russos o movimento? — Os ingleses pretendem a todo o transo não perder a sua influência no Oriente

LONDRES, 5.— Informações chegadas às estações oficiais desta cidade garantem que Moscovo contribuiu com 2 milhões de dólares para o movimento de carácter comunista que se está desenvolvendo em Xangai.

O Daily Express diz saber que o governo japonês ofereceu à China o seu exército e a sua esquadra para dominarem a revolução, contra a qual as autoridades chinesas parecem impotentes. — (L.)

LONDRES, 5.— Os jornais comentando a insurreição na China dizem que a única forma de debelar o mal, que é gravíssimo, consiste num acordo entre as nações da Europa e do Japão. — (L.)

Um gesto indigno

Tendo chegado ao conhecimento do S. U. C. C., por uma comissão de operários da Companhia Previdente, que, em virtude do protesto promovido pela Câmara Sindical do Trabalho de Lisboa, o engenheiro dirigente ordenou que não deixava os operários reformar o trabalho até segunda resolução da mesma entidade, este sindicato protesta contra tamanha arbitrariedade e faz sentir aos referidos operários que devem reclamar daquela companhia os prejuízos que lhe está causando aquele engenheiro, em virtude do seu indigno procedimento.

As embaixadas e legações estrangeiras estão fortemente guardadas.

Em Xangai, as ruas estão patrulhadas por carros armados, elevando-se a 100.000 o número de grevistas.

Em Cantão os agitadores continuam a formular a revolta contra os estrangeiros.

Notas & Comentários

A hora das lesmas...

O Jornal de Notícias está publicando prosa monárquica dum nacionalista que importa de França desde as ideias que são do grupo da «Action Française» que abafaram em Paris.

O autor dessa prosa é um mocinho, desse que andam muito cintados e se confundem com as raparigas, atacado de linfáticos e de clerical verborreia. Para o que escreve no Notícias do Porto Vítor Hugo, que é classifica de «Homero do asneira», exerceu um perverso apostolado. Ora a insolente criancinha que tão grande pretensão possui...

Vítor Hugo que marcou na vida da arte e do pensamento um momento de indiscutível julgar não pode ser atingido por uma coisinha viscosa fabricada com a nata dos pastéis avariados da Marques.

O mesmo pequeno ataca também a revolução francesa esquecendo-se, ingratamente, que é devido a ela que possui a liberdade de escrever asneiras, liberdade que atingiu também as lesmas, as deploráveis lesmas como é...

Loucura e morte

Diário os jornais que um guarda-livros chegado recentemente de África, com a mulher, foi, pelo eterno processo do conto de fadas, esbulhado das suas economias que orgulhavam por quarenta contos.

Ao seguir-se ronbado, o guarda-livros sofreu taminha congoço que morreu 24 horas depois. Sua mulher sofreu tal depressão nervosa pela perda dos 40 contos e pela morte do marido que perdeu o uso da razão e foi internada num manicómio.

Tudo isto tem um aspecto sóbrio, pleno de simplicidade, da terrível simplicidade dumha tragédia. Devemos culpar alguém por ela? Sinceramente, não vemos motivo para isso. Como nas tragédias gregas nesta encontramos como um dos seus elementos mais decisivos a fatalidade. Mas, a época da fatalidade já lá vai. Hoje, as coisas explicam-se melhor e de outra maneira.

A fatalidade está aqui posta a ná no amor implacável pelo dinheiro que faz um homem ronbar a outro 40 contos, que faze outro perder todo aquele dinheiro na ânsia de obter mais. Essa ambição do dinheiro, ambição que entra o raciocínio, obscurece a razão e seca o sentimento não é uma ambição fatal. É a consequência lógica inevitável dumha sociedade que responda economicamente num artificio a uma iniquidade de modo a assegurar maior proveito aos que menos valem e menos trabalham. Esse artificio é esta iniquidade conduzem, muitas vezes, à riqueza. Neste caso conduziram à loucura e à morte.

E então a fatalidade? Sejamos fracos: a sociedade que é da sociedade e ao vigarista o que ao vigarista cabe.

A guerra de Marrocos

Os franceses dizem pequenas as suas perdas e vários os revezes dos mouros

PARIS, 5.— Perante as comissões do Senado, do exército e dos negócios estrangeiros, o sr. Painlevé declarou que as notícias das perdas das tropas francesas em Marrocos têm sido muito exageradas.

Até hoje elas são as seguintes: mortos, 118; feridos 1.108, desaparecidos, 300.

Em todos estes números — esclareceu — estão incluídos indígenas. — (L.)

RABAT, 5.— Em tóda a linha de batalha não há a registar qualquer acção militar importante, salvo uma operação levada a efeito para limpar de agitadores a região de Alimar.

Sabe-se agora que nos dias 21 e 22 de maio, a aviação francesa inflingiu aos djebalas perdas que se elevaram a 250 mortos e 300 feridos.

Segundo informações recebidas do campo inimigo, os djebalas mostram-se cada vez mais renitentes em fornecer os contingentes que lhe são pedidos por Abd-el-Krim. — (L.)

Quem será?

RABAT, 5.— As atenções das autoridades francesas estão voltadas para um mouro, vestindo elegantemente e falando várias línguas, que em outubro do ano passado frequentou todos os centros de prazer de Rabat, Meknes, Taza, Fez e Casablanca,

O FARO DE SHERLOCK...

A "tenebrosa associação" da Cruz dos Quatro Caminhos

Os crimes da "terrível seita" seriam praticados com uma panela ferrugenta!

A polícia quando não tem um Sherlock Holmes — cremos que nunca o teve — os jornais de grande circulação incumbem-se com um sádico prazer de descobrir, esfeiteando com insultos mas retumbantes adjectivos aquela malazeja prosa que sai do governo civil. Chefe Xavier descobriu-se a si mesmo como Sherlock da primeira grandeza, e assim o tornou, por necessidade, os jornais de grande circulação que no fundo se riem de tanta... perspicácia. Pois esses jornais vinham ontem com notícias de grande efeito, anunciando aos pacovos dos quatro cantos da cidade que ali para o Caminho de Baixo da Penha, existia uma tabernaria conhecida pela «taberna do Augusto Carvoeiro», onde costumam ir alguns dos operários que trabalham próximo. Os membros da tal perigosíssima associação não passavam de 9 fugueiros da taberna que ao serem presos estavam caçando com grande despreocupação.

O próprio taberneiro, a quem ouvimos referir as conversas dos seus fregueses, o confirma. A associação é uma história fantástica e os 9 individuos acusados dela fazem parte vão — nós conhecemos a força da polícia — ficar presos uns dias a fim de aquela cambada de Sherlocks posticos não ver desaparecer num ápike aquele efeito das notícias retumbantes que vinham nos jornais. Esses, por sua vez, ainda desfazem, alguns dias mais, o mesmo grande e horríveluento para não terem de confessar o carapetão que impingiram aos leitores.

A polícia entendeu que era necessário arranjar «escenário» para colorir a sua estúpida fantasia. E assim, para conduzirem os operários presos, arranjaram uma força de 30 policias comandada pelo chefe Názare, que marchava com apanhado de farda, teatralmente, de espada desembainhada.

Para dar a ideia da despreocupação dos membros da terrível seita, acrescentaram os que um deles, quando foi preso, estava para ir buscar sua mãe, chegada da província, a quem queria mostrar a cidade...

E as bombas, as potentes bombas, as terríveis bombas? Esses perigosíssimos explosivos, engenhos mortíferos, capazes das piões destruções e dos mais danosos malefícios, não passavam dum infensíssima panela velha cheia de pregos.

E mesmo essa famosíssima panela não foi apreendida aos presos nem sequer no local onde se efectuaram as prisões.

Faltam os atentados. Mas resistirá a dois

minutos de análise séria esta de matar pessoas com uma panela velha e ferrugenta?

Pulverizando insinuações

Publicou ontem *A Tarde* um artigo que dizendo sobre o Conselho Sindical do Trabalho aconselhava ao operariado um movimento a favor dos homens da Legião Vermelha.

Esse movimento, que afirmava ter fracassado, a pesar de lhe ter sentido os efeitos em casa — pois não teve quem lhe fizesse o jornal, nem quem lhe desse a expansão habitual — obedecia, segundo a sua frase de remate, a «intriguidos de políticos».

Essa insinuação que *A Tarde* não saberá explicar convenientemente. Também queria aquela gazeta que a Câmara Sindical do Trabalho desse maiores provas de competência do que a sagaz polícia, que tanto elogia, denunciando em duas listas distintas quem eram os homens da Legião Vermelha e quem eram os operários inocentes. Sabemos quem são os operários inocentes — o que não sabemos, porque sobre isso não se pronunciaram os tribunais, e quais são os homens da Legião Vermelha.

Se o governo tivesse o escrúpulo moral da nossa parte existe, não teria feito as deportações, sem que os tribunais fizessem a destrinha que a *A Tarde* de nós exige.

Nem nós, nem o governo, nem a *A Tarde*, que com tanta facilidade dá o epíteto de «legionário» a qualquer indivíduo cuja detenção noticia, serão as pessoas mais idóneas para dizer: «Este é legionário aquele que não é». Para que não se estabeleçam previsões e errados juízos existem os tribunais, aos quais o governo não devia antecipar-se aplicando a homens que não foram julgados uma pena severa e odiosa. E são tão melindrosas estas questões que mesmo os tribunais podem enganar-se...

E por todas estas razões, que resumidamente expomos, que o operariado reclama o regresso dos deportados toma a atitude honesta que nem a própria *A Tarde*, se fosse mais leal, e não se deixasse orientar pelo espírito rasteiro de qualquer esbirro que a informa, deveria assumir.

A NOBRE ARTE...

A MORTE DE UM «BOXEUR»

No final dum espectáculo cruel, oferecido ao instinto feroz dumha multidão só pode vibrar de entusiasmo ante a ferocidade regulamentada, um homem recolheu sem fala à sala de observações do hospital de São José, sem forças para amaldiçoar a estúpida civilização dumha época que batia palmas, delirante, enquanto ele recebia no rosto a saravada de sôcos que lhe despedraram a vida.

Esse homem era um negro, conhecido por Kid Augusto. Com a ingenuidade própria da sua raça, com a submissão, com o espírito de sacrifício de quem pretende mostrar-se apto para suportar todo o peso das aquisições da nossa época civilizada, o pobre Kid resistiu a todos os embates da celebrada civilização traduzidos nos formidáveis sôcos que o empurraram brutalmente para a morte. Morreu sem uma queixa, porque os seus lamentos seriam tomados pelos brancos como um argumento mais a comprovar a inferioridade da sua raça.

O público deveria ter sentido a morte a aproximar-se do pobre negro, mas não foi capaz de manifestar a sua compaixão, porque era preciso que um negro não vencesse, que um negro fizesse aniquilado, ainda mesmo que isso lhe custasse a supressão da vida. E o pobre Kid morreu, situando à ferocidade, à insensibilidade, à preverbação dum instinto sanguinário dumha raça que se diz superior, quando foi afinal a que arrastou o pobre negro a aceitar as imposições das suas ignóbeis virtudes.

Kid vivia no Porto como modesto empregado numa revista esportiva. Era alegre e tinha uma linda voz. Resumia nas tendências do seu carácter, o tipo de beleza sem mácula, porque personificava a beleza máscula, plena de alegria e de irrisão e simplicidade.

Um dia a civilização «couçou por ele, e entrou a seduzi-lo. Kid poderia ser um magnífico boxer. Poderia conhecer pelo sócio, a fortuna e a glória. E Kid deixou a sua honesta labuta, a sua alegria, a simplicidade do seu canto e debandou para a selva das artes.

O seu contacto com a civilização do norte: feio o conhecer a ferocidade. É o negro que era bom, e amava a música, passou a imitar os brancos, e tornou-se como eles um mercenário da ferocidade, porque a nossa civilização é esta, resume-se nesta tenebrosa síntese: fazer dinheiro, realizar lucro com tudo, até com a brutalidade.

Kid passou a ser um elemento magnífico de diversão. Algumas vítimas, alguns apinhados, deram-lhe uma ilusão, uma infeliz magia de simpatia, e continuou divertindo a estúpida multidão que assistia feliz ao espetáculo do homem tornado fera.

3-6-1925
OS MISTERIOS DO POCO
N.º 444

Os cruzados investigam os subterrâneos, as adegas, os celeiros, os vãos, e, afinal, encontram em lugares escuros feridos, enfermos, inválidos, velhos, ou mulheres prestes a dar à luz um filho; os cruzados encontram também esposas, filhas, mães que não queriam abandonar um pai, um filho, um marido, contusos ou demasiado velhos para fugir, atravessando bosques, montanhas e ficarem ali nomadas ou escondidas durante dias, durante meses. Fugir? Fugiram então todos os habitantes de Carcassonne!

Fugiram todos os habitantes de Carcassonne? Sim, avisados durante a noite da sorte do visconde e dos cônsciles, temendo o exterminio de que a cidade estava ameaçada, fugiram todos; os feridos arrastando-se como podiam, as mulheres levando os filhinhos as costas, os homens carregando-se de algumas provisões; sim, todos, abandonando os seus lares, os seus bens, fugiram por um secreto subterrâneo, fugiram os herejes de Carcassonne.

Fugiram por um subterrâneo secreto, os herejes de Carcassonne. As sarças dos bosques, as cavernas das montanhas serão o seu refúgio durante dias, durante meses, e se alguma vez chegarem a ver a sua cidade, quantos voltarão do fundo dos bosques e dos rochedos? Quantos haverão escapado à fadiga, à miséria, às enfermidades e à fome? Partiram mais de vinte mil, regressaram talvez alguns milhares. «Oh! os herejes de Carcassonne escaparam-nos! exclama o nuncio do papa; os que não poderam segui-los pagão pelos outros. Saqueiem a cidade, e depois do saque, a fogueira, a força para esses malvados que estão em nosso poder! Carcassonne é devastada inteiramente. Depois do saque levantam-se forças, empilha-se a lenha para as fogueiras.

Carcassonne é devastada inteiramente. Depois do saque levantam-se forças, empilha-se a lenha para as fogueiras. Os cruzados carregam com os feridos, uns

mutilados, outros moribundos, com os valetudinários, com os velhos, com as mulheres na ocasião de darem um filho à luz; os cruzados carregam também com as esposas, com as filhas e mães daqueles que não puderam fugir. Chamas de fogueira, flamejam! Cordas das forças, retemem-se com o peso dos supliciados! Os herejes de Carcassonne que ficaram na cidade, todos foram enforcados ou queimados; todos, e em seguida carregados os carros de despojos!

A *Lavaur!* exclamou o nuncio do papa. Arrojado Montfort! a caminho! Mata, rouba, queima os herejes! o nosso santo Padre assim o ordena! A *Lavaur!* a *Lavaur!* respondeu Montfort! E ei-los que partem para *Lavaur*, os cruzados católicos, de padres à frente, de cruz encarnada no peito, com o nome de Jesus nos lábios, a espada em uma das mãos, o arcoite na outra. Que mal fazemos nós a esses padres?

— Que mal lhes fizemos!

Isto é o grito de guerra dos herejes

Sim! ei-los a caminho para *Lavaur*, com o arcoite em uma das mãos, a espada na outra, os cruzados católicos, sim, eis o que eles têm feito até hoje. O valoroso filho do Languedoc! ó filho da velha Gália! que sobestes, como nossos pais, reconquistar as suas liberdades, leiam na bandeira dos cruzados católicos, leiam... em traços de sangue e de fogo: *Chasseneuil, Beziers, Carcassonne*, Digam: ler-se-há em breve: *Lavaur? Alby? Tolosa? Arles? Narbonne? Arinhan? Beaucaire?* Respondam: não basta já de incêndios? Digam; não será bastante: *Chasseneuil, Beziers, Carcassonne?* não é bastante!

Digam: *Chasseneuil, Beziers, Carcassonne*, não é bastante? Respondam: as nossas cidades, montões de cinzas? os nossos campos... desertos embranquecer-se-hão com as ossadas? os nossos bosques... ficarão sendo florestas de forcas? os nossos rios... tor-

rentes de sangue? o nosso céu... o clarão inflamado do incêndio ou das fogueiras? Respondam: querem isto? homens altivos resgatados do jugo da Igreja católica? querem tornar a cair, com suas mulheres e seus filhos debaixo do poder, escravos desses padres de quem os soldados violam, enfocam, queimam tanto mulheres como crianças? Querem isto? Não, não querem! não, o seu coração arfa, o seu sangue queima-se, e dizem: *Chasseneuil, Beziers, Carcassonne...* basta! é bastante...

Oh! sim, *Chasseneuil, Beziers, Carcassonne*, é bastante! apesar da sua valentia, nossos irmãos morreram! redobremos em valor, esmaguemos o inimigo. Para ele, não haja trégua nem misericórdia, nem descanso, nem piedade; por montes e por vales, persigam-lo! arrazem-lo! façam-lo em postas! Levantemo-nos todos, filhos do Languedoc, todos! Guerra implacável, guerra de morte aos cruzados católicos! temos por nos a justiça, tudo é possível contra eles, tanto o forçado como a foice rossadoura, tanto o pau como a pedra, as mãos ou os dentes! A's armas, herejes do Languedoc! as armas! nós também gritamos: — *A Lavaur!... E que Lavaur seja o tumulo dos cruzados católicos!...*

Mylio compôs esta canção pouco tempo depois das mortandades de *Chasseneuil*, de *Beziers*, e de *Carcassonne*, sitiado pelos cruzados. Esta casa é habitada pelo general do exército da tábua, Simão, conde de Montfort e sua mulher, Alice de Montmorency, a qual havia pouco tempo, viera reunir-se a seu esposo no Languedoc; as tendas dos senhores rodeiam a morada do

chefe da cruzada. O acampamento, formado de choças de terra ou de ramos de árvores pelos soldados, estende-se ao longe, a multidão dos escravos que fugiram dos domínios de seus senhores, atraídos pela esperança do roubo, dormem no chão e sem abrigo. É noite; uma tocha de cera alumia debilmente a sala inferior da vivenda; um bom lume arde na chaminé, porque a noite está fresca. Dois cavaleiros conversam ao pé do lar; um deles é *Lamberto*, senhor de *Limoux*, que exerce no tribunal de amor de *Blois* as funções de conservador das prerrogativas de amor; o outro é *Hugo*, senhor de *Lascy*, ex-senescal das mangeronas no mesmo tribunal. Posto que armado de ponto em branco, traz na cabeça um barrete de peles que lhe deixa ver na testa coberta uma ligadura; este cavaleiro foi ferido no cérebro de *Lavaur*.

Hugo de Lascy, dirigindo-se ao seu companheiro, que acaba de entrar na sala. — Montfort está um pouco melhor; um dos seus escudeiros, que saiu ainda agora do quarto próximo, disse-me que o conde dormia havia duas horas, e que a febre parecia diminuir.

Lamberto de Limoux. — Tanto melhor; pois eu viajaria dizer a Alice de Montmorency que não deve contar com o médico que espera de *Lavaur*.

Hugo de Lascy. — Que médico?

Lamberto de Limoux. — Esta manhã, a condessa, vendo Montfort cheio de febre e exposto a dolorosas sufocações, que o seu escudeiro cirurgião não podia atalhar, lembrou-se que tinha ouvido dizer a um dos nossos prisioneiros que o mais célebre médico do país, posto que hereje endiabrado, estava no castelo de *Lavaur*. A condessa mandou vir o prisioneiro, oferecendo-lhe a liberdade, com a condição de entregar ao médico uma carta, em que se lhe prometia vida salva se consentisse em vir prestar os seus disvelhos a Montfort; depois do que o célebre *Esculápio* poderia recolher-se à cidade sitiada!

Hugo de Lascy. — Que imprudência! Como se arranja a condessa a fiar-se dum hereje?

Lamberto de Limoux. — Descansa, porque tudo

MARCO POSTAL

Coimbra. — A. Freitas: Segue um pacote com os jornais pedidos. Vai busca-los a casa do nosso agente.

Porto. — A. Conuna: Seguem hoje para o C. Ferro, as capas pedidas.

Terrugem. — J. M. M.: Assinatura paga até 2 de junho. — M. J. C.: Suplemento pago até 30 de junho. — J. A. S.: Assinatura paga até 31 de maio.

Beja. — J. F. F.: Assinatura paga até 3 de junho.

Ferreira do Alentejo. — F. T. T.: Assinatura paga até 3 de março.

Pedras para isqueiros

METAL AUER, as melhores do mundo. Um milheiro, 2500. Piquetes, grandes descontos. Isqueiros AUSTRIA E PORTUGAL, tubo largo, boa queimação, diaz 2200. Tubos fechados e abertos, tampons, círculos, molas, rodas ócias e mescicos. Pedidos ao representante em Portugal: E. ESPINOSA, FILHO, Rua Andréia, 16, 2.º — LISBOA.

LIMAS NACIONAIS

UNIÃO, MARCAS REGISTADAS. Largos de Limas, rivalizam em preço e qualidade com as melhores do Mundo! Exportam para todos os países. Possas limas que se encontram a venda em todos os bons estabelecimentos de ferragens do país.

CLINICA DO CHIADO, RUA GARRETT, 74, 1.º TECYONE E. 4186

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h. Ourivesaria e Joalheria

Santos Catita, Lda., R. da Boavista, 22 — R. Eugénio dos Santos, 44

Grande sortido em objectos de ouro e prata para brindes. JOIAS E PEDRAS FINAS. Relógios das melhores marcas de ouro, prata e aço. Compra por alto preço: ouro, prata, moedas e joias

Conhecei o vosso país

TODOS DEVEM possuir o magnifico «Mapa de Portugal e Ótima da Automóveis», o mais completo em cidades, vilas, aldeias, rios, montes, etc. Preço E. 50, pelo correio E. 55. Pedidos à L. V. Popular de Francisco Franco — N.º 1, S. Domingos, 34.

ficará em ter-se soltado um prisioneiro. O tal velhaco partiu daí a pouco, e como desejava a condessa, esperei até agora nos postos avançados o médico, a fim de o acompanhar aqui; anoteceu, e visto não ter apreendido, não devemos contar com ele. Entretanto, dei ordem para que o acompanhasssem logo que se apresentasse no acampamento, o que é provável não aconteça.

Hugo de Lascy. — Repito que a condessa está insensata. Confiar a um inimigo a vida de Montfort, a alma da cruzada!

Lamberto de Limoux. — Fiz esta mesma objecção a Alice de Montmorency; mas ela respondeu-me que o tal médico sendo o que aqueles reprebaram chamam um perfeito, ele levaria certamente a hipocrisia ao ponto de não traír a confiança que depositavam nele, tal é a grande simulação daqueles miseráveis em afearem de pessoas de bem.

Hugo de Lascy. — Os tais endiabridos são, na verdade, capazes de fingimentos os mais criminosos para simular a virtude.

Lamberto de Limoux. — O que não é fingimento, é a resistência enraivida da gente de *Lavaur*; não sabes que se defendem como leões? Sangue de Cristo! parece um sonho! O cérebro daquela cidade amaldiçoada, que nos custa já tantos capitães e soldados, dura há um mês; ao passo que *Chasseneuil*, *Beziers* e *Carcassonne* foram assaltados quase sem dificuldade.

Hugo de Lascy. — Essa resistência, tão encarniçada como inesperada, e que encontramos tanto aqui como noutras pontas onde se deram os nossos últimos combates contra os albigenses, é atribuída aos versos dum fúria selvagem, cantados de cidade em cidade pelo miserável *Mylio* o Trovador a quem conhecemos no norte da Gália.

Lamberto de Limoux. — *Mylio* deve achar-se entre os sitiados; sem dúvida que ele excita a semelhante defesa a senhora de *Lavaur*, uma das herejes mais contumazes do país.

Hugo de Lascy. (com um sorriso cruel). — E' ter

paciencia! não estamos no tribunal de amor, onde a gente de guerra se inclina perante a autoridade das mulheres. Sangue de Cristo! quando nos apoderarmos daquele infernal castelo, ali inauguremos um terrível tribunal de justiça, e a senhora de *Lavaur* será a rainha da fogueira.

Lamberto de Limoux. — E depois do suplício daquela endiabrida, nós te saudaremos senhor de *Lavaur*, feliz *Lascy*! visto que Montfort te prometeu a posse desse senhorio, um dos mais consideráveis do Albigezen.

Hugo de Lascy. — Invejarás tu aquela doação? Não concedeu já Montfort, como senhor e conquistador do viscondado de *Beziers*, muitos senhorios aos chefes da cruzada?

Lamberto de Limoux. — Deus me livre de ter inveja daquilo de que te fazem mercê, *Hugo*. Enquanto a mim, já tenho a minha parte, e, a dizer a verdade, os bons sacos de ouro e a linda baixela de prata de que eu me apoderei no saque de *Beziers*, e que tenho nas minhas bagagens, parecem-me preferíveis a todos os dominios do Albigezen. A gente não pode trazer consigo nem terras nem castelos, e os azares da guerra são perigosos; mas semelhantes probabilidades espero não receá-las mais no dia dez desse mês.

Hugo de Lascy. — Porque motivo essa data?

Lamberto de Limoux. — No dia imediato a esta data esperava para mim os quarenta dias de cruzada que o cruzado tem obrigação de votar à guerra santa, desde o momento em que pôs pé em terra hereje, depois dirigir-se com os seus homens a caminho de casa, e é o que eu proponho fazer em breve.

A confidência do ex-conservador das prerrogativas de amor é interrompida por um dos escudeiros de Montfort, que sai a correr de um quarto próximo.

Hugo de Lascy, (ao escudeiro). — Onde vai a correr?

O Escudeiro. — Ah! monsenhor conde corre grande perigo.

Hugo de Lascy. — Mas ainda há pouco que dormia profundamente?

O escudeiro. — Acaba de acordar com uma sufoca-

ção terrível; corre a procurar o abade *Reynier*, por ordem da condessa, para que ele ministre a monsenhor os últimos sacramentos.

Apenas o escudeiro saiu, quando um homem de armas entra e diz a *Lamberto de Limoux*: — Senhor, trago-lhe o hereje de *Lavaur*, que por sua ordem esperei nos postos avançados.

Lamberto de Limoux. — E depois do suplício daquela endiabrida, nós te saudaremos senhor de *Lavaur*, feliz *Lascy*! visto que Montfort te prometeu a posse desse senhorio, um dos mais consideráveis do Albigezen.

Hugo de Lascy. — Entregar a vida de Montfort àquele reprobo! Não sei o que tu fazes!

Lamberto de Limoux. — Vou acompanhá-lo à presença de Alice de Montmorency. Só ela pode decidir em tão graves circunstâncias.

O homem de armas torna a entrar logo com *Karvel* o Perfeito; na fisionomia transparece-lhe a serenidade habitual; trás na mão um cofre-zincho.

Lamberto de Limoux (a *Karvel*). — Segue-me, que te vou acompanhar à presença de Alice de Montmorency.

Simão, conde de Leicester e de Montfort acha-se deitado e o seu estado é agonizante.

Alice de Montmorency. — Apesar das prestações Fatos e Sobretudos no rigor RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 35, 2.º

Alice de Montmorency. — Meu esposo pode morrer, porque está em estado de graça.

Karvel, assustado com esta insensibilidade glacial

fica um momento interdito, depois abre a veia com pericia. Imediatamente sai dela um jacto de sangue preto e condensado que cai fumegante, na bacia de prata que eu vejo ali em cima daquele móvel, servindo para aparar o sangue do doente.

Recomendo-lhe por favor, senhora, que não desapareça o braço do conde até que eu pique a veia; porque ao pé dela está uma artéria que eu poderia rasgar ao menor estremecimento do enfermo, e tal golpe seria para ele... mortal.

Alice de Montmorency, (impássivel). — Meu esposo pode morrer, porque está em estado de graça.

Karvel, assustado com esta insensibilidade glacial

fica um momento interdito, depois abre a veia com pericia. Imediatamente sai dela um jacto de sangue preto e condensado que cai fumegante, na bacia de prata que eu vejo ali em cima daquele móvel, servindo para aparar o sangue do doente.

Karvel. — Que sangue tão negro! Espero que a sara grava salve seu marido, senhora.

Alice de Montmorency. — Faça-se a vontade do Senhor!

O sangue do doente continua a correr na bacia de prata. Este ruído surdo e contínuo é o único que interrompe o profundo silêncio que reina no quarto. O Perfeito, observando atentamente as feições de Montfort, que vê pouco a pouco operar a benéfica influência da sangria. A pele do enfermo, até então seca e abraçadora, cobre-se de suor abundante; a sua respiração torna-se cada vez mais fácil; o peito c

A BATALHA

O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

Relato circunstanciado das sessões celebradas em Amsterdão

Um importante discurso de Rodolfo Rocker

Parcialmente, também o movimento dos cartistas contribuiu para selar a sua ruína, pois esta primeira forma do movimento operário político-parlamentar, despertou nas vastas massas do proletariado esperanças que não podia, naturalmente, satisfazer.

Enquanto na Inglaterra se sucederam dês modo as primeiras organizações do moderno movimento operário, surgiu no continente, em França especialmente, uma grande série de escolas socialistas e social-reformistas, que aspiravam a uma transformação maior ou menor das bases económicas da sociedade. Homens como Fourier, Saint-Simon e os seus discípulos e um pouco mais tarde Leroux, Cabet, Proudhon, Vidal, Pecqueur, Blanc, etc., tendo a acompanhá-los os jacobinos socialistas, que se agrupavam em sociedades secretas, no tempo do chamado reinado civil, em torno de Blanqui e Barbès—tiveram a pensar suas diferenças teóricas e táticas, um ponto como denominador comum. Todos tinham reconhecido que as transformações puramente políticas não eram capazes de resolver os problemas sociais que interessavam a sociedade. Por isso procuraram a solução desses problemas na transformação das condições económicas sobre uma base mais ou menos socialista. Alguns intentaram isso, abstando-se de toda a actividade política; outros cuidaram que alcançariam o seu melhor objectivo aspirando à introdução na política de uma ideologia socialista.

A maior parte dessas tendências—com exceção das sociedades babouvistas, que se compunham em maioria de operários—eram integrados quase exclusivamente por elementos intelectuais—por membros das classes procuradoras, que aspiravam por raízes ideais à abolição da miséria social. Mas essas ideias encontraram ao princípio pouca compreensão entre as massas. Apenas, muito mais tarde, quando nasceram, do seio da classe operária francesa, as chamadas "associações", como primeira forma do movimento operário do país, encontraram também difusão, no proletariado, as ideias dos pensadores socialistas.

Foram especialmente Lúis Blanc e depois Proudhon, os que tiveram maior influência no desenvolvimento espiritual das associações que, no fim de contas, não se deve confundir, como se faz várias vezes, com as actuais cooperativas.

Mas esse jovem movimento da classe operária francesa, como todos os outros germinou do movimento operário francês, foram sufocados, pelo golpe de Estado de Lúis Bonaparte, e quando o movimento surgiu novamente em 1830-1870, adoptou ainda mais acutamente um carácter sindical fortemente influenciado pelas ideias socialistas.

Os sindicatos de Inglaterra e França nasceram mais tarde a Associação Internacional dos Trabalhadores cujas origens ideológicas podem ser seguidas nestes países

(Continua)

NA GARAGE "AUTO-PALACE"

OS QUE MORREM

António de Sousa

Um velhote de 68 anos vítima duma bárbara agressão, faleceu 24 horas depois

Na garage "Auto-Palace" fazia serviço desde há tempos um velhote de 68 anos, António de Sousa, muito considerado pelas suas qualidades de carácter. O "chauffeur" Bartolomeu dos Santos, temperamento agressivo, vinha de há tempos maltratando o pobre velhote.

Na passada segunda-feira o Santos depois de insultar a sua vítima e de esta lhe ter devolvido o insulto, deu-lhe um violento pontapé no ventre que o prostrou no solo.

Conduzido para sua casa, o desventurado António de Sousa faleceu 24 horas depois, em consequência da selvagem agressão.

Participado o ocorrido à polícia o assassinado foi removido para a Morgue, onde se encontra para ser autopsiado, devendo efectuar-se no domingo o seu funeral.

O Bartolomeu dos Santos foi preso, mas como é "chauffeur" do bebé Carlos de Oliveira movem-se altas influências para que ele fique impune do seu barbáro gesto e pesar de haver nove testemunhas oculares.

INSTRUÇÃO

Escolas Elementares Técnicas

A Federação Académica Industrial e Comercial Portuguesa, conforme a resolução do 2.º Congresso dos Alunos das Escolas Industriais, Comerciais, Preparatórias de Artes e Ofícios e Arte Aplicada celebrar-se-há a 9 do corrente "dia das Escolas Elementares Técnicas" em Lisboa com uma sessão solene no edifício do Instituto Superior do Comércio pelas 21 horas, na qual usará da palavra algumas individualidades em destaque no meio intelectual político.

No Pórtico haverá uma sessão solene na Escola Infantil D. Henrique e em Coimbra o mesmo acontecerá na Escola Comercial. Na cidade do Pórtico realizam-se nos próximos dias 27, 28, e 29 o 3.º Congresso para o qual a comissão organizadora tem recebido adesões das Escolas do Norte e Sul do país.

Visita de estudo

Organizada pela secção de excursões da associação académica da Escola Comercial de Ferreira Borges, realiza-se amanhã pelas 14 horas, uma visita de estudo ao Museu de Arte Antiga.

CONSELHO TÉCNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarregue-se da execução de todos os trabalhos que digram respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpezas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadres, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantarias e marmores de todas as provéniencias.

Telefone, C. 5339

Escríptorio:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Banhos de mar às crianças

Prosseguindo na sua obra benemérita, acaba a Junta de fixar um edital, avisando da abertura da inscrição de crianças pobres que necessitem de banhos de mar, cuja concessão é feita de acordo com a Câmara Municipal de Lisboa, por intermédio do seu pelouro de instrução, as quais serão também concedido vestuário e calçado.

A inscrição termina no próximo dia 12.

"A Batalha" vende-se em todas as tabacarias

Em Coimbra Uma reunião importante dos organismos operários

COIMBRA, 1.—Com a ordem de trabalhos que segue, reuniram domingo, pelas 14 horas, na sede do Sindicato dos Manipuladores de Pão, desta cidade as direções dos sindicatos aderentes à C. G. T., assim como o Comité de Propaganda Confederal de Coimbra. Ordem dos trabalhos: Preenchimento das vagas existentes no Comité de P. Confederal, constituição da comissão instaladora da Câmara Sindical do Trabalho, apreciar a atitude da C. G. T., no último movimento reaccionário, e resolver o caminho a seguir em face das deportações ultimamente feitas pelo governo do sr. Vitorino Guimarães.

No mesmo sentido realizou-se também o desenvolvimento espiritual da Internacionais. As suas ricas fontes não nasceram do gabinete de estudo de algum sábio, mas das lutas práticas da vida quotidiana, das mil experiências de um presente combativo. Se as resoluções dos seus primeiros congressos em Genebra (1866) e Lausanne (1867) eram muito indefinidas e moderadas, as lutas práticas dos anos seguintes foram a melhor escola dos trabalhadores para o desenvolvimento das suas ideias.

As resoluções dos congressos de Bruxelas (1868) e de Basileia (1869) mostram-nos a Internacionais no ponto culminante da sua evolução espiritual. No congresso da Basileia, o belga Hins, expôz o grande pensamento da imidade política das comunas e da reorganização da sociedade pelos sindicatos.

De essa dupla organização das associações operárias locais e das federações gerais de indústria, produz-se, por um lado, a administração política das comunas e por outra a representação geral do trabalho tanto regional como nacional e internacionalmente. Os conselhos das organizações de ofício e de indústria substituirão os actuais governos e essa representação do trabalho dissolverá de uma vez por todas os velhos sistemas políticos do passado.

Esse novo e fecundo pensamento nasceu da convicção que qualquer nova forma económica do organismo social encerra também uma nova forma de organização política e que só dentro dela se pode realizar.

Por essa razão o socialismo deve aspirar também a uma forma política especial, dentro da qual poderá entrar na vida e no princípio julgar-se ter-se encontrado essa forma no sistema dos conselhos do trabalho (soviets). Os trabalhadores dos países latinos, onde a Internacionais encontrou o seu principal ponto de apoio, desenvolveram o seu movimento sobre a base das organizações económicas de luta e dos grupos de propaganda socialista trabalhando no sentido das resoluções de Basileia.

Como reconheceram no Estado o agente político e o defensor das classes parasitas, não aspiraram, de nenhum modo, à conquista do poder político, mas à super-ação do Estado à abolição do poder político em todas as suas formas, reconhecendo nela a condição prévia de toda a tirania e de toda a exploração. Por isso não pensaram em imitar a burguesia, fundando um novo partido e abrindo o caminho a uma nova classe de políticos profissionais. O seu objectivo era a conquista da terra e das fábricas e reconheceram bem que era esse fim que os distinguia profundamente da politiquice da burguesia radical.

(Continua)

Considerando que a C. G. T. uma irreflexão posição, se uniu a outros elementos estranhos ao campo sindical, quando do último movimento reaccionário;

Considerando que a organização operária integrada na C. G. T. possui a forma moral e material para afirmar-se e actuar contra os que pretendem derruir as liberdades;

Os sindicatos operários de Coimbra, integrados na C. G. T., em face de tudo o que se passou, resolvem:

1.º Tomar como facto consumado a atitude do Comité da C. G. T.

2.º Demarcar à organização operária a sua finalidade — que segundo seu entender é libertária.

3.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

4.º Procurar dar à organização sindicalista, no caso de ela não satisfazer as necessidades do momento, aquela organização necessária para uma melhor consecução da sua finalidade.

5.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

6.º Procurar dar à organização sindicalista, no caso de ela não satisfazer as necessidades do momento, aquela organização necessária para uma melhor consecução da sua finalidade.

7.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

8.º Procurar dar à organização sindicalista, no caso de ela não satisfazer as necessidades do momento, aquela organização necessária para uma melhor consecução da sua finalidade.

9.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

10.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

11.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

12.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

13.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

14.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

15.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

16.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

17.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

18.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

19.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

20.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

21.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

22.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

23.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

24.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

25.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

26.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

27.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

28.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

29.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

30.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

31.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

32.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

33.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

34.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

35.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

36.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

37.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

38.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

39.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

40.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

41.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

42.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

43.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.

44.º Que o Conselho Confederal estude convenientemente este assunto, levando-o a pez de já resolvido em congressos anteriores, a um outro, para arrumar definitivamente esta questão de princípios.